

# MARCIO MOREIRA ALVES



de Brasília

## Vive la France

• O presidente Fernando Henrique falou da tribuna onde o antecederam Danton e Robespierre. O hemiciclo do Palais Bourbon marca a tradição política do mundo. Lá se criou a divisão dos partidos em direita e esquerda, referente ao lugar dos deputados face à cadeira do presidente da Assembléia. A maioria de centro ocupava os gradis mais altos e, por isso, se chamou A Montanha.

É impossível andar por Paris sem, a cada passo, encontrar a sombra dos grandes revolucionários e, mais densa ainda, a de Napoleão Bonaparte. A estátua de Danton, conclamando o país invadido por todas as suas fronteiras a ter audácia, mais audácia, sempre audácia, domina o Carrefour de l'Odeon, coração do bairro estudantil, na margem esquerda do Sena. É uma estátua tão empolgante que foi das poucas que os nazistas pouparam dos fornos de fundição que transformaram as demais em canhões. Robespierre, coitado, não tem estátua nem rua. Está enterrado num modesto monumento funerário, numa pracinha atrás da Igreja de Santa Madalena, com outras vítimas do terror revolucionário que implantou.

A presença de Napoleão é avassaladora, na geografia e na memória da cidade. As avenidas periféricas têm o nome de seus marechais, as grandes avenidas convergem para o Arco do Triunfo, onde se celebram as suas vitórias. Uma delas é a Avenida de Lena, cidadezinha prussiana onde Hegel viu Napoleão passar no seu cavalo branco e anotou: "Esta manhã vi passar debaixo da minha janela a História, montada a cavalo". Napoleão acabara de derrotar o exército prussiano, que tinha no seu estado-maior um oficial chamado Karl von Clausewitz, que viria a ser o maior teórico da guerra, até hoje estudado. A avenida que é uma continuação dos Campos Elíseos chama-se Avenida do Grande Exército, em homenagem às tropas que invadiram a Rússia em 1812 e foram derrotadas pelo general inverno. Até hoje os franceses dizem que os belos dias de inverno são dias com o sol de Austerlitz, como o sol que brilhou na batalha em que Napoleão dizimou o exército austríaco que lhe barrava o caminho para Viena. Ainda recentemente li no "Le Monde" um comentário sobre uma derrota da França num jogo de futebol em que o colunista se lamentava, mas dizia que, afinal, não era nenhuma Berezina. Berezina era o nome do rio onde o Grande Exército foi obrigado a se render aos russos.

Fernando Henrique ganhou metade do dia falando em francês. Os franceses têm um apego passional à sua língua e fazem o que podem para evitar que seja contaminada pelo inglês. Batalha perdida, mas não entregue. Um presidente estrangeiro de um país que não é francófono falar num

francês fluente e quase sem sotaque do alto da mais importante tribuna política do país é ter metade do sucesso garantido.

A outra metade foi a escolha dos temas do discurso. A França tem a pretensão, desde o general De Gaulle, de manter uma política externa independente dos Estados Unidos. Foi contra a hegemonia absoluta do dólar como moeda das trocas comerciais no mundo. Em janeiro, com o lançamento do euro-papel, De Gaulle terá a vitória que não alcançou em vida. Foi contra, ainda, o domínio militar dos americanos sobre os recursos de defesa da Otan. Insurgindo-se contra esse domínio, fabricou secretamente a sua bomba atômica e retirou a França da organização. O Brasil, com meios mais modestos e líderes menos assertivos, tem a mesma pretensão de independência face à única superpotência que resta.

Fernando Henrique lembrou seus dias de Paris, lembrou os ideais de igualdade e liberdade da Revolução Francesa, falou da influência que sofreu de intelectuais que ensinaram na USP ou com quem conviveu quando foi professor em Nanterre. Referindo-se à conjuntura mundial, declarou o apoio brasileiro à criação de um Estado da Palestina, seguro e viável economicamente, da mesma forma como fomos, em 1948, favoráveis à criação do Estado de Israel. Disse que o Mercosul era tão importante para o Brasil como a União Européia para a França e mencionou a necessidade que temos de acesso ao mercado de produtos agrícolas em igualdade de condições para competir. Defendeu a Taxa Tobin sobre a movimentação de capitais financeiros, capaz de criar um imenso fundo para o desenvolvimento dos países pobres. Propôs, finalmente, uma reforma mais igualitária da ordem mundial. E concluiu: "O paradoxo das situações de crise é exatamente o de criar ambiente propício à revisão de paradigmas. Lutemos por uma nova ordem mundial que reflita um contrato entre nações realmente livres, e não apenas o predomínio de uns Estados sobre outros, de uns mercados sobre outros. Mas isso exige ousadia. Em idéias e atos. Essa é a tradição da França e, na medida de suas possibilidades, também é a do Brasil".

E, erguendo os braços como De Gaulle fazia, bradou: "Vive la France!"

Uma apoteose.